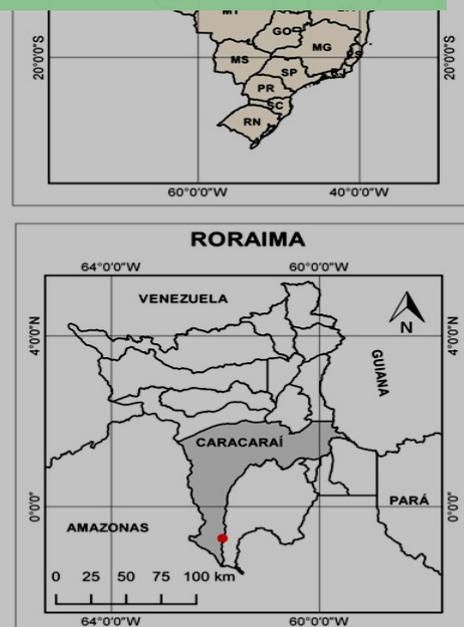


Complementaridade e (re)construção ambiental do Complexo Ambiental Sacai, Baixo Rio Branco, RR

DOI: <https://doi.org/10.24979/v5i1.1191>



RESUMO

Os agroecossistemas amazônicos são parte de uma estrutura complexa, a Amazônia, os quais compreendem processos heterogêneos e diversos de trabalho humano intelectual empreendido no ambiente. Estes agroecossistemas apresentam estruturas têmoro-espaciais diretamente relacionadas ao ambiente vivificado e ao saber imaterial dos agricultores responsáveis por tornar cada agroecossistema único e impossível de ser replicado em sua totalidade. Este estudo teve por objetivo a compreensão do movimento de ocupação e (re)construção no Complexo Ambiental Sacai, Caracarái, Roraima, Brasil, a partir dos processos antitéticos (re)programação da vida. Participaram deste estudo 41 famílias. Os resultados dão condição de afirmar que os agroecossistemas no Complexo Ambiental Sacai revelam-se como fruto da complementaridade histórico/ambiental, e assumem organização familiar, sendo assim, indissociável no seu processo recursivo da autopoiese.

Palavras-chave: agroecossistemas amazônicos, ambiente vivificado, ocupação; (re)construção.

ABSTRACT

The amazonic agroecosystems are part of the Amazon complex structure, with heterogeneous and diversified processes of human intellectual work practiced in the environment. These agroecosystems have temporo-spatial structures related to the lived environment and to the imaterial knowledge of the farmers which play an important role to make these unique and unrepeatable as a whole. This research aimed to understand the occupation movement and (re)construction in Sacai Environmental Complex, Caracarái, Roraima, Brazil, starting from the anthitetic processes of social (re)production and life (re)programation. Forty one (41) families were subject of this study. The results show that the agroecosystems in the Sacai Environmental Complex emerge from the historic/environmental complementarity assuming the family organization and become undissociable in their recursive process of autopoiesis.

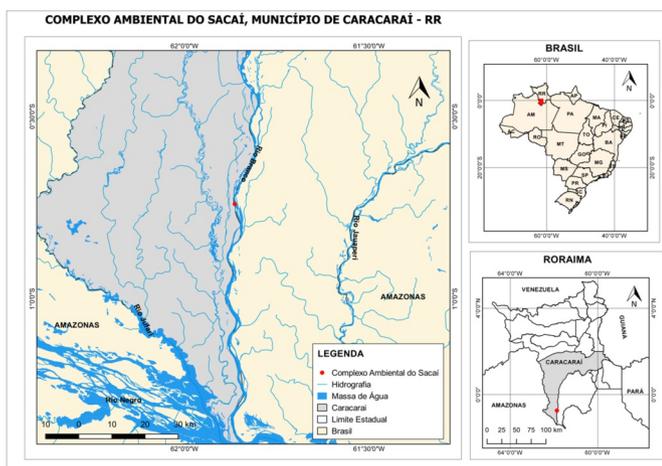
Keywords: amazonic agroecosystems; lived environment; occupation; (re)construction.



INTRODUÇÃO

Tornar visível a trajetória ambiental de populações amazônicas desde os caminhos percorridos até os dias atuais é ponto essencial para a compreensão mais coesa dos processos relacionados a conservação das estruturas mínimas necessárias para resguardar a (re)produção social. Este estudo tem como objetivo identificar a evidências históricas de ocupação dos agroecossistemas do Complexo Ambiental Sacaí.

Figura 1: Mapa de localização da sede do Complexo Ambiental Sacaí Caracarái, Roraima, Brasil.



Fonte: Organizado pelo autor.

O Complexo Ambiental Sacaí, Baixo rio Branco está situado ao sul do município de Caracarái, RR, (Latitude +0:44:76; Longitude: -61:51:85). O rio Branco é o principal afluente da bacia do rio Amazonas no estado de Roraima. A bacia do rio Branco é composta pelos rios Tacutu, Uraricoera, Mucajaí e Anauá, e pelos seus respectivos afluentes (FEMACT, 2007a p. 19).

O desenho metodológico dessa investigação foi construído como estudo de múltiplos casos (Yin, 2015, p. 70) onde a unidade de análise foi constituída pelos agroecossistemas familiares do Complexo Ambiental Sacaí, Baixo rio Branco, Caracarái, Roraima. Os interlocutores da pesquisa foram selecionados de forma aleatória. As ferramentas e técnicas foram conduzidas

primeiramente a partir de uma entrevista com roteiro prévio aplicadas a 9 (nove) famílias nucleares e um questionário aplicados a 41 (quarenta e uma famílias nucleares). Para sua aplicação foram utilizados um gravador de alta captação, caderno de campo, questionários impressos e roteiro de entrevista. Todas as entrevistas foram transcritas com auxílio do software livre Express Scribe Transcription Software®, corrigidas e organizadas e tabuladas em LibreOffice Calc®.

O presente artigo está dividido em seis seções: a) “Introdução”, com uma breve contextualização, objetivos e procedimentos metodológicos; b) “Ocupação indígena do Baixo rio Branco”, onde foram levantadas informações desde fontes bibliográficas sobre a primeira ocupação humana desde dados arqueológicos e demográficos; c) “Expedições naturalistas no Baixo rio Branco”, nessa parte são relatados desde evidências históricas as principais expedições que passaram pelo Baixo rio Branco, sendo por sua vez a primeira documentação histórica dessas localidades; d) “Os adensamentos populacionais e o ciclo da borracha no Baixo rio Branco” nessa seção é considerado o importante movimento ocorrido no rio Negro (AM) e por consequência no rio Branco (RR) e suas consequências no processo de ocupação do Baixo rio Branco; e) “A emergência do Complexo Ambiental Sacaí” nessa parte serão discutidos os processos de ocupação do que é hoje o Complexo Ambiental Sacaí desde as movimentações migratórias com fins de (re)produção social dos agroecossistemas familiares; e; f) “Considerações finais”, nessa seção são pontuados os principais direcionamentos e avanços da pesquisa desde a necessidade os processos de ocupação e a historicidade ambiental das populações que habitam a Amazônia atualmente.

MATERIAL E MÉTODO

Este estudo considerou como sua estratégia teórico-metodológica, o paradigma da dialética da complexidade sistêmica (MORIN, 2002), desde os seus processos dialéticos, caracterizada fundamentalmente como uma pesquisa com caráter descritivo. O desenho utilizado para a pesquisa foi o estudo de múltiplos casos (YIN, 2014, p. 70), com abordagem prioritariamente qualitativa, onde a unidade de análise foi constituída pelos agroecossistemas familiares do Complexo Ambiental Sacaí, Baixo rio Branco, Caracaraí, Roraima, Brasil.

Para a caracterização do trabalho de pesca, os sujeitos foram selecionados de forma aleatória. Na primeira etapa de coleta foram aplicadas entrevistas com roteiro prévio a nove famílias nucleares. Estas entrevistas com roteiro prévio tinham como o principal interesse entender os processos de trabalho vinculados à pesca durante os diferentes períodos do ano, desde o capital material utilizado, trabalho imaterial, esforço de trabalho, diversidade de animais capturados, valor de uso e valor de troca. Para aplicação das ferramentas foram utilizados um gravador de alta captação, caderno de campo e roteiro de entrevista.

No segundo momento foram utilizadas ferramentas de estímulo a partir de imagens de satélite, mapas cognitivos, croquis e fotografias, com auxílio do modo de coleta descrita como REVV (COSTA-ALVES, 2016, p. 29). As reuniões espontâneas de validação nas varandas (REVV), puderam direcionar para a saturação de evidências desde a construção da sua lógica amostral analítica baseada na replicabilidade (YIN, 2014, p. 78). Todas as entrevistas foram transcritas com auxílio do software livre Express Scribe Transcription Software®, corrigidas e organizadas a partir de nós temáticos. O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa, na Plataforma Brasil, e está registrado com o número CAAE:

36319014.6.000.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ocupação indígena da Amazônia

Revisitar e tornar visível a história são pontos essenciais para entender a reprodução social de uma sociedade e as estratégias utilizadas nos processos de conservação. A referência histórica de ocupação humana da Amazônia, por vezes, é constituída após o processo de conquista das beiras dos rios amazônicos por frentes europeias. No relato sobre a ocupação humana da Amazônia brasileira descrito por Madaleno (2011, p. 332), as populações indígenas participaram desse processo como coadjuvantes, e somente após as investidas expansionistas de Portugal aos rios amazônicos a ocupação tem seu marco inicial.

Apesar de ser uma linha de pensamento invisibilizadora e recorrente nas escolas e no imaginário coletivo em relação a essa ocupação humana, outros autores como Porro (2013); Farage (1991) e Roosevelt (2014) desmentem a conquista europeia da Amazônia e reescrevem sua história a partir do protagonismo indígena. Segundo Roosevelt (2014, p. 3) a primeira ocupação humana na Amazônia aconteceu no período do Antropoceno, há pelo menos 13.000 anos. A descoberta de ferramentas e utensílios de pedra, principalmente pontas de lança, segundo datações referentes ao período Paleoindiano, são as principais evidências arqueológicas de que populações indígenas nômades, com conhecimento de manejo de espécies forrageiras, foram os primeiros humanos na Amazônia.

Para Porro (2013) o processo de conquista e colonização na Amazônia aconteceu desde as populações indígenas pertencentes aos troncos linguísticos *Aruak*, *Tupi* e *Karib* (Porro, 2013, p. 17). Segundo o autor os *Aruak* foram responsáveis pela ocupação da parte mais ocidental da bacia Amazônica, a oeste do rio Negro e do Madeira, o

Orinoco e o litoral das Guianas até a ilha de Marajó. Os *Tupi* ocuparam quase todo o litoral brasileiro, a bacia do Paraná e o centro-leste da bacia amazônica. Já os *Karib*, com a dispersão mais recente, ocuparam o norte e o leste da Amazônia e todo o maciço das Guianas.

Em seu levantamento bibliográfico Porro (2013, p. 22) acredita que a população indígena na América do Sul era estimada entre dois e onze milhões de habitantes. Estes estudos apresentaram estruturas metodológicas as quais consideraram, em estimativa, a densidade populacional e o processo de despovoamento (ocasionado por fuga em massa e grandes enfermidades, como é o caso da varíola). Para Porro (2013, p. 26), boa parte da população indígena das várzeas foi exterminada ou dispersada para áreas de terra firme e floresta nos primeiros duzentos anos após o processo de conquista europeia.

O estado de Roraima assim como a parte mais ao norte do rio Branco era maciçamente ocupado pelos povos do tronco linguístico *Karib*. Segundo Porro (2013, p. 25) quase todo o rio Branco era ocupado pelas etnias *Pauxiânias* e *Parauiana*; no Jauperi: os *Yauperi*, *Waimiri* e *Atruahi*; no Jatapu: os *Bonari*. Os povos de língua *Aruak* mesmo de forma descontinuada apresentavam ocupações desde a serra de Parima até a serra de Acaraí com as etnias *Guinaú*, *Waptixana*, *Atoraí* e *Maopityan*. Segundo Farage (1991, p. 7), o local onde hoje está o Complexo Ambiental Sacai foi ocupado por povos do tronco linguístico *Aruak*, mais precisamente *Wapixanas*.

Expedições Naturalistas no rio Branco

Apesar das evidências de ocupação indígena, os relatos a partir de escritos descritivos somente ocorreram com as expedições científicas custeadas pelo governo europeu. As primeiras impressões sobre o Baixo rio Branco foram feitas a partir de relatos de expedições comandadas por pesquisadores naturalistas, na primeira metade do século passado. Dentre os

principais pesquisadores responsáveis pelas expedições podem ser destacados cronologicamente os seguintes: a) Theodor Köch-Grunberg; b) Willian Curtis Farabee; c) Robert Schomburgk e d) Hamilton Rice.

A expedição liderada pelo cientista naturalista alemão Theodor Köch-Grunberg teve como seu principal objetivo a caracterização de fauna, flora e populações humanas entre os municípios de Manaus-AM até os arredores do rio Orinoco (referente as partes do rio Orinoco na Venezuela), entre os anos de 1911-1913. A expedição partiu do município de Manaus, no Amazonas, passando pelo rio Negro (AM), rio Branco (RR), rio Uraricoera (RR) e rio Orinoco (Venezuela). A primeira vista, o rio Branco trazia traços físicos distintos do rio Negro e do rio Amazonas. A descrição feita por Köch-Grunberg (2006) apresenta similitudes evidenciadas pelo dístico de um dos sujeitos participantes dessa pesquisa no que se refere à profundidade do rio.

[...] em alguns pontos do seu curso inferior, o rio Branco tem enorme largura de 3 mil a 4 mil metros, mas não é muito fundo. (KÖCH-GRUNBERG, 2006, p. 32).

[...] dá oito braços, tem hora que dá cinco braços, tem hora que dá quatro, dá três é assim né [...] quando ele seca, não passa, tem hora que dá, mas tem hora que o motor não passa [...] ai em frente mesmo está raso [...]. Tem hora que tu enxerga do lado do outro, tu atravessa o rio por dentro da água se tu quiser. (J.M.N.S., 30 anos, Complexo Ambiental Sacai).

Mais a frente, com o objetivo de mapear os rios Branco, Uraricoera e Parima, entre os anos de 1924 e 1925, o cientista naturalista Hamilton Rice foi responsável por recolher evidências históricas sobre o rio Branco, as quais aparecem em trechos de descrições generalistas sobre a geologia local, fisiografia, antropologia, etnologia e medicina. Segundo os escritos, a expedição teve saída da cidade de Manaus (Manaós) em um hidroplano, avião para pouso

em água, e de lá seguiu até o município de Caracaraí (Caracarahay). Na primeira descrição do rio Branco, Rice (1928, p. 120) apresenta uma série de componentes que o distinguem do rio Negro, onde prioritariamente caracteriza a formação vegetacional e geológica.

[...] é um rio de água branca, como o próprio nome indica, e por uma distância considerável abaixo da sua confluência com o rio Negro, a água branca é perceptível ao longo do lado esquerdo ou para o norte daquele rio. A mistura das águas brancas fortemente sedimentadas do rio Branco com as águas finas do Negro dá origem a uma densa vegetação, especialmente marcada ao longo da margem sul conhecido como chavascal. Águas brancas têm vegetação própria, assim como o rio preto-branco, com um crescimento anômalo, característico de nenhum dos dois, é para ser geralmente observada quando os rios de água preta e branca de qualquer volume considerável vêm juntos. Isso é bem marcado na confluência do Negro com o Solimões-Amazonas logo abaixo Manaós, bem como a confluência do rio Branco com o rio Negro 200 milhas acima.

Segundo Rice (1928, p. 115) duas expedições merecem destaque pelo agrupamento de evidências descritivas do Baixo rio Branco. Dentre elas a expedição do pesquisador William Curtis Farabee, com o trajeto entre a foz do rio Branco até a sede do município de Boa Vista, passando por Maracá no ano de 1913, e a expedição comandada pelo pesquisador Robert Hermann Schomburgk, a serviço do governo inglês, entre os anos de 1838-1839, partindo desde a localidade de Carvoeiro (rio Negro) até a antiga Guiana Inglesa, hoje Guiana. Este trajeto contemplou a descrição do Médio rio Negro, do rio Branco e do rio Tacutu (parte brasileira e guianense).

Os adensamentos populacionais e ciclo da borracha no Baixo rio Branco

De acordo com os relatos dos primeiros pesquisadores em relação à ocupação do Baixo rio Branco é possível identificar dois aspectos temporais significativos, são eles: o êxodo nordestino no período da borracha e os adensamentos populacionais já existentes naquela época. Por se tratar da história amazônica mais recente, Correia-Filho (1942) apresenta evidências do êxodo nordestino para a Amazônia em uma breve passagem do seu texto. O autor aponta para este formato de ocupação das beiras dos rios amazônicos, concomitantemente ao final do período da borracha.

[...] exposto às calamidades cíclicas das secas angustiantes, contra cujas fatais consequências não se empreendera ainda campanha alguma de defesa sistemática, o povo do nordeste via-se impelido, desde 1877, a refugiar-se na planície amazônica e esse tempo esperançoso de prosperar com os resultados da indústria seringueira. (Correia-Filho, 1942, p. 283).

Apesar da mobilidade massiva dos nordestinos para os seringais existentes na Amazônia, o Baixo rio Branco não foi palco dessa ocupação por esses motivos. Silveira e Gamil (1988, p. 45) afirmam que apesar da ocupação amazônica ter acontecido no período áureo da Borracha, no Baixo rio Branco a ocupação não foi efetiva pois o látex nativo (*Hevea benthamiana* Müll. Arg.) apresentava baixa qualidade, assim como os casos da balata (*Manilkara bidentata* (A. DC.) A. Chev) e da sorva (*Couma macrocarpa* Barb. Rodr.).

Nesse sentido, um dos sujeitos revela sobre a existência de plantações de seringais, nas proximidades de onde viria a ser o Complexo Ambiental Sacaí. De acordo com o dístico, os seringais disponíveis naquelas proximidades eram compostos pela etnoespécie denominada por seringueira barriguda (*Hevea* spp.), a qual ele

atribuiu um látex de baixa qualidade, encontrados somente na terra firme. É possível identificar no dístico a diferença entre a seringueira de terra firme e de várzea.

[...] eu cortei seringa aí no seringal, era de boa qualidade, essa seringa que tem aí é a seringa forte, a seringa boa né, só que ela é seringa de plantio, não é seringa nativa, ela é de plantio, é seringa forte. [...] aqui tem muita seringueira, mas é dessa que chamam de barriguda, não presta, mas essa que tem aqui é seringa plantada, seringa boa, ela é forte. [...] a gente veio do Juruá, trabalhando com seringa, a gente sabe se é seringa da várzea do rio lá é forte, e a seringa do alto, da terra que nós chamamos ela já é fraca, ela tem diferença, a da várzea dá uma látex bem forte e a outra já não dá. (S.M.S.; 64 anos, Complexo Ambiental Sacai).

Mesmo assim, a extração do látex nas beiras do rio Branco, relatada por Köch-Grunberg (2006) se mostrava como tímida, onde destacou essa relação com a existência de pequenos adensamentos populacionais. Nessa época o autor não apresentava relações com a baixa qualidade da borracha que poderia ser extraída “[...] no Baixo e Médio rio Branco, e em seus afluentes, que se distinguem por malárias terríveis, um pouco de borracha, mas falta mão-de-obra, sobretudo porque o rio é pouco povoado”. (Köch-Grunberg, 2006, p. 33).

Por volta de 1920 o Baixo rio Branco apresentava cerca de 1050 habitantes, desses, 100 habitantes moravam em Santa Maria (Silveira & Gamil, 1988, p. 45). A localidade de Santa Maria deu origem a Santa Maria do Boiaçú, a vinte sete quilômetros de distância, em linha reta, do Complexo Ambiental Sacai (Latitude +0:44:76; Longitude: -61:51:85). A evidência de dois adensamentos populacionais está nos documentos escritos por Rice (1928) e Köch-Grunberg (2006).

Rice (1928) faz referência a duas aldeias, uma delas é Santa Maria, local que hoje é conhecido

por Santa Maria Velha. Os residentes de Santa Maria, à época da descrição de Rice, migraram para outra localidade próxima, fundando o que hoje se conhece por Santa Maria do Boiaçú. O pesquisador Köch-Grunberg (2006, p. 33) também faz referência ao adensamento populacional nas localidades de Santa Maria e Carmo e as vincula às missões religiosas carmelitas.

[...] entre o rio Negro e a cachoeira de Caracará [em relação às corredeiras do Bem-Querer] existem duas aldeias que marcam antigos centros de cidades de alguma dimensão, são elas Santa Maria e Nossa Senhora do Carmo. (Rice, 1928, p. 121).

[...] no século XVII, quando a população do rio Branco era muito mais considerável do que hoje, Santa Maria, juntamente com o Carmo, hoje totalmente desaparecido, e outros locais constituía um ponto importante da missão carmelita e contava várias centenas de almas. (Köch-Grunberg, 2006, p. 33).

A emergência do Complexo Ambiental Sacai

O percurso histórico descrito permite a compreensão do fenômeno de ocupação do Baixo rio Branco, mas não dá conta das especificidades relacionadas a ocupação do Complexo Ambiental Sacai. Nesse sentido, como ponto de partida para a contextualização foi importante percorrer historicamente os caminhos dos interlocutores da pesquisa até a composição ambiental atual. Esse percurso deu-se por meio do que Morin (2013) chama de complementariedade, sendo ela definida pelo conjunto de informações carregadas pelo sujeito durante sua história. Para Morin (2013, p. 147) as relações de complementariedade partem do todo para unidade, unidade essa, múltipla, e que ao mesmo tempo é todo e parte.

Assim, dá-se a necessidade de traçar o percurso de cada unidade até a composição do Complexo Ambiental Sacai, a qual deve ser vista

como parte complementar, aquela formadora da unidade e compositora do todo. Para essa situação, considerou-se a história das famílias sob o status de complementariedade vivificada. Para Morin (2013):

[...] o “um” tem uma identidade complexa, as partes, o que não se percebeu, têm uma dupla identidade. Elas têm sua identidade própria e participam da identidade do todo. [...] nas sociedades humanas, o indivíduo tem, desde o nascimento, a dupla identidade, pessoal e familiar; ele vai na e pela cultura de desenvolver sua própria originalidade individual e adquirir correlativamente sua identidade social. (Morin, 2013, p. 149).

Os dísticos dos sujeitos apontam para períodos antecessores à criação do Complexo Ambiental Sacaí, são eles: a) a evidência de moradia no entorno do rio Juruá; b) a evidência de moradia rápida por Manaus e c) a evidência de morada no Amajaú (Figura 2). Para Correia-Filho (1942, p. 235) os períodos de exploração da borracha foram por seguidos anos a justificativa para a migração em massa em partes da Amazônia. Esse fato motivou o avanço da exploração da borracha para novas áreas, nesse caso para os rios Purus, Juruá e seus afluentes (rio Madeira e rio Solimões).

De acordo com os dados coletados é possível admitir que parte significativa das famílias compositoras do Complexo Ambiental Sacaí apresentam alguma relação com o entorno do rio Juruá (Tabela 1), visto que 65,9% (n=27) dos pais dos maridos e 58,5% (n=24) dos pais das esposas moravam ou moram no entorno do rio Juruá-AM. O percurso de origem do Complexo Ambiental Sacaí também comporta em sua maioria pessoas oriundas do estado do Amazonas, de localidades tais como: Manaus, Barcelos, Purus, Coari, Codajás e Itamarati.

Os dísticos dos sujeitos apresentam relação com o nascimento de filhos e a de existência de familiares, nos dias atuais nas localidades do

Juruá. Outros elementos do discurso apontam para a saída do Juruá para outras localidades. Os sujeitos confirmam a relação histórica de origem a partir do senso de pertencimento por meio da vivência, do matrimônio e dos filhos que nasceram no Juruá, a qual é exposta da seguinte forma:

[...] tenho três irmãos lá, ainda tenho a esperança de um dia ainda ir lá. Se Deus quiser. (M.F.M.M., 51 anos, Complexo Ambiental Sacaí).

[...] nós chegamos os três primeiro, [nomes ocultados] e eu, depois vieram chegando os outros, mas aí eu vim, retornei para lá e fiquei mais um dia, aí meu pai já tinha chegado do Juruá, aí já veio pra cá com meus irmãos (E.C.A., 58 anos, Complexo Ambiental Sacaí).

[...] eu nasci e me criei lá, me casei, sai de lá com quatro filhos já [...] no Juruá. [...] era município na época, município de Itamarati [...] não! Caruari. Hoje lá é município de Itamarati. (A.B.S., 65 anos, Complexo Ambiental Sacaí).

O trabalho no ambiente, destacado aqui como o extrativismo vegetal aparece a partir da seringa (*Hevea benthamiana* Müll. Arg.), da sorva (*Couma macrocarpa* Barb. Rodr.) e da caça. Para Silveira e Gamil (1988, p. 47) os habitantes do Baixo rio Branco viviam em sua morada anterior basicamente do extrativismo da seringa, balata, sorva, castanha e da pesca artesanal em determinados períodos do ano. Em um dos dísticos é possível identificar a importância da transmissão geracional dos processos de trabalho na seringa.

[...] só que lá, tem outra diferença, lá a gente num era negócio de agricultura, lá nos tinha na época, era seringa [...] nos cortava seringa, no verão era seringa e na época da cheia, do inverno a gente ia pra terra firme cortar. [...] Sorva, é diferente. Aqui não, aqui só é agricultura mermo, não tem outro meio né, lá não, era seringa. (A.B.S., 65 anos, Complexo Ambiental Sacaí).

[...] lá a gente cortava seringa.[...] Lá eu

era menino e comecei a andar na estrada no mato, ajudava meu pai, tinha doze anos, por aí eu fui levando e aí fui crescendo, crescendo e me casei lá, aí cortei seringa [...] vim para cá, porque lá a gente está no seringueiro ou traz a espingarda para matar caça. (E.C.A., 58 anos, Complexo Ambiental Sacai).

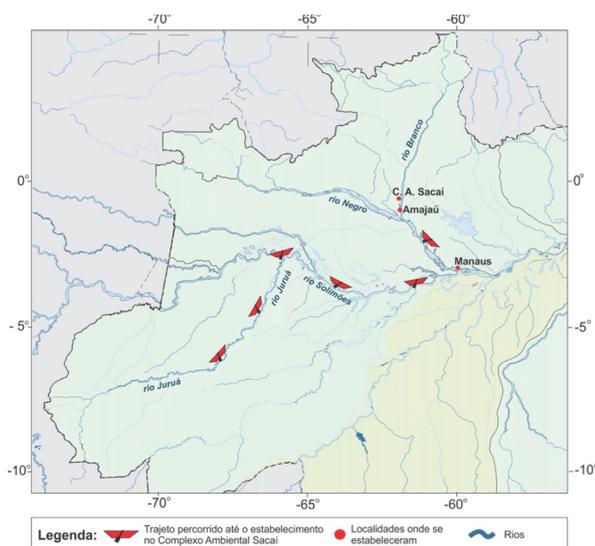
As dificuldades de sustento, como estrutura básica de reprodução social da família no Juruá, fez com que algumas famílias optassem pela saída para outras localidades. Essa passagem é marcada pelo dístico de dois sujeitos onde são relatadas as diferenças entre a vida no Juruá e no Complexo Ambiental Sacai em relação às dificuldades das famílias.

Tabela 1: Distribuição de frequências e porcentagem das seguintes variáveis: a) local de nascimento do marido; b) local de nascimento da esposa; c) local de moradia dos pais do marido e d) local de moradia dos pais da esposa. Complexo Ambiental Sacai. Município de Caracaraí. Estado de Roraima. Brasil 2015.

Local de Nascimento do Marido			Local de Nascimento da Esposa			Local de moradia dos pais do marido			Local de moradia dos pais da esposa		
Local	(f)	(%)	Local	(f)	(%)	Local	(f)	(%)	Local	(f)	(%)
Juruá-AM	16	39,0	Juruá-AM	15	36,6	Juruá-AM	27	65,9	Juruá-AM	24	58,5
Manaus-AM	9	22,0	Manaus-AM	6	14,6	Não Respondeu	3	7,3	Não Respondeu	5	12,2
Sacai	4	9,8	Sacai	5	12,2	Manaus-AM	2	4,9	Manaus-AM	5	12,2
Não respondeu	3	7,3	Não respondeu	4	9,8	Barcelos-AM	2	4,9	Barcelos-AM	3	7,3
Barcelos-AM	2	4,9	Barcelos-AM	3	7,3	Purus-AM	1	2,4	Roraima	2	4,9
Baixo rio Branco	1	2,4	Itamaraty-AM	2	4,9	Coari-AM	1	2,4	Ceará	1	2,4
Amajaú	1	2,4	Ceará	1	2,4	Roraima	1	2,4	Itamarati-AM	1	2,4
Santa Maria Velha	1	2,4	Tefê-AM	1	2,4	Codajás-AM	1	2,4	Total	41	100,0
Codajás-AM	1	2,4	Comunidade de Lago Grande	1	2,4	Terra Preta	1	2,4			
Terra Preta	1	2,4	Lago das Pedras-AM	1	2,4	Santa Maria do Boiaçu	1	2,4			
Santa Maria do Boiaçu	1	2,4	Roraima	1	2,4	São Luiz do Anauá	1	2,4			
São Luiz do Anauá	1	2,4	Amajaú	1	2,4	Total	41	100,0			
Total	41	100,0	Total	41	100,0						

Fonte: Dados da pesquisa de campo. 2015.

Figura 2: Representação etic da complementariedade vivificada dos sujeitos no Complexo Ambiental Sacai. Município de Caracaraí. Estado de Roraima. Brasil 2015. Adaptado: (Ibge, 2000).



Fonte: Adaptado de: (Ibge, 2000).

[...] lá no local onde a gente morava (referência a Juruá) estavam dizendo que a gente morava lá, o cara vive em situação muito difícil. [...] a gente vai na casa das pessoas que não tem nada, não tem nada, não tem nada. Panelinha preta de cozinhar, assim até dependurada [...] uma redinha suja pra dormir. (J.C.A., 50 anos, Complexo Ambiental Sacai).

[...] eu não tenho vergonha de dizer a pessoa que eu já fui e a pessoa que hoje eu sou, eu nunca tinha usado fogão a gás, sabe quando foi que eu vim usar fogão a gás? Quando eu fui chegar aqui, que a mulher do primo dele me deu um fogãozinho velho, eu limpei o bichinho, toda besta porque tinha ganhado um fogão velho e um colchão velho. (M.F.M.M., 51 anos, Complexo Ambiental Sacai).

Ao considerar a temporalidade de chegada e o período de dificuldade econômica para as pessoas do Juruá, fica evidente a partir do discurso, a passagem, a moradia e o trabalho, de vários sujeitos na cidade de Manaus antes de tomar o caminho do estado de Roraima, mais precisamente o rio Branco.

No entanto, a cidade de Manaus, aparentemente, também não apresentava estrutura mínima de reprodução social das famílias, tornando o deslocamento para uma nova localidade como uma questão de tempo. Parte das famílias seguiram direto para o Complexo Ambiental Sacai, outra parte seguiu para o Amajaú.

[...] eu vim de Manaus, da banda de lá do Amazonas, Tabatinga, no Juruá. [...] tem meu pai, meus irmãos que moram aqui. (M.O.N., 27 anos, Complexo Ambiental Sacai).

[...] eu vim pra Sacai. Eu morava em Manaus, então de Manaus eu vim pra Amajaú. [...] eu tinha 25 anos nessa

época. (A.J.Q., 65 anos, Complexo Ambiental Sacai).

[...] eu nasci dentro de Manaus. [...] nasci, morei, só que eu trabalhei em vários cantos. Trabalhei em Rio Preto da Eva, Lindóia, Itacoatiara, tudo trabalhei por ali. (J. Q, 33 anos, Complexo Ambiental Sacai).

A localidade do Amajaú refere-se a um paleocanal o qual conecta o rio Branco ao rio Xeriuini (Figura 2). A permanência da maior parte das famílias nessa localidade não superou duas décadas. A malária aparece como umas principais causas de migração de boa parte da população para o Complexo Ambiental Sacai.

[...] aqui é beira do rio, é mais sadio de que lá dentro do Amajaú [...] dava uma epidemia de malária. [...] é floresta, fechadão. [...] aí aqui fora é muito mais sadio, graças à Deus, eu vivo aqui e não tem tanto problema (A.B.S., 65 anos, Complexo Ambiental Sacai).

A escolha de nova morada, onde hoje está localizado o Complexo Ambiental Sacai, é portanto resultado da impossibilidade de reprodução social das famílias no Amajaú. Segundo os dísticos dos primeiros moradores do Complexo Ambiental Sacai, a busca por novas possibilidades de moradia fizeram com que boa parte das pessoas que haviam migrado do Juruá para o rio Amajaú quisessem fazer o caminho de volta para o Juruá.

[...] esse irmão meu veio comigo do Juruá, eu tinha ido buscar ele, e ele queria voltar para lá, porque não se dava para cá. Ele queria cortar seringa e aqui ninguém vive de seringa. Aí eu fui, convidei ele para vim para cá, caçar um canto para cá, porque lá ele não queria ficar lá no Amajaú, daí nós chegamos juntos do Amajaú para cá, daí eu falei: _Vamos achar um lugar para armar uma rede aqui? _bora. Aí nós fizemos uma casinha coberta de palha aqui no chão, meio grande para ficar com a família, eu com a minha e ele com a dele, e aqui nós começamos. (M. S.; 64 anos, Complexo

Ambiental Sacai).

[...] eu tenho uma casinha boa, né, e aí a minha esposa, ela é muito chegada com o sogro dela né?! Com meu pai. Aí eu sei que eles dois conversaram para me conquistar para vim para cá, e eu não queria vim, não queria vim, até que apareceu um camarada lá [...] trocava numa casa, aí nós trocamos na casa aí viemos no Amajaú. [...] aí eu morei ali 22 anos, no Amajaú, eu cheguei em 88. (D.A.S., 76 anos, Complexo Ambiental Sacai).

[...] eu comecei assim, conheci o (ocultar o nome), o senhor sabe quem é? lá no Amajaú. Aí eu começando andar, eu trabalhava na prefeitura de Manaus, aí peguei o mês de férias e ele tinha vindo ali para o Amajaú, eu fui dar um mês de férias, em noventa eu vim direto para Sacai. (A.J.Q., 65 anos, Complexo Ambiental Sacai).

Da definição pelo local onde seria fundado o Complexo Ambiental Sacai até o convencimento para que outras famílias também seguissem para a nova localidade, foram pontuadas como vantagens como: a locação na beira do rio, relativamente mais saudável quando se tratou das epidemias de malária que assolavam o Amajaú; e a localização estratégica entre os municípios de Manaus e Caracará. O caminho percorrido até a criação do Complexo Ambiental Sacai, é lembrado nos dísticos de alguns sujeitos que tiveram moradia no Amajaú. A década de 1980 foi o período que concentrou a maior parte da chegada das famílias, tendo sido essa ocupação essencial para consolidação dessa localidade.

[...] quer dizer aqui é o meio da viagem, tanto faz ir daqui para Manaus, a gente tira dois dias e um pouquinho, não tem problema de banheiro. [...] para Manaus é perigoso banheiro. (A.B.S., 65 anos, Complexo Ambiental Sacai).

[...] dia 7 de setembro fez 27 anos. (M.F.M.M., 51 anos, Complexo Ambiental Sacai).

[...] faz tempo, 81, 82, vejo assim, eu

estava buchuda. (M.P.S., 55 anos, Complexo Ambiental Sacaí).

[...] oitenta e dois [...] nós chegamos juntos diz pra ele, tanto que o nosso filho que nasceu aqui tem meus trinta e dois anos, aqui em Roraima. (A.B.S., 65 anos, Complexo Ambiental Sacaí).

Desde a sua fundação o Complexo Ambiental Sacaí apresenta características peculiares de aumento do número de famílias. De acordo com dados do Iteraima (2010, p. 59) no ano de 2001 a localidade contava com 41 casas e no ano de 2010 já eram 58 casas (Tabela 2). A partir do processo histórico de ocupação, as famílias que se estabeleceram a margem direita do rio Branco, fundando o Complexo Ambiental Sacaí, assumiram diferentes tipos de organização. Desde então, diversas estratégias de sobrevivência foram acessadas pelas unidades familiares, onde a constituição de um lugar de reprodução social parecia ser o principal objetivo comum. Nesse sentido, a reprodução social das famílias parece estar diretamente ligada ao modo como as estruturas familiares lidam com a disponibilidade do recurso ambiental conduzindo, portanto, a diferentes configurações familiares, as quais são discutidas a seguir.

Tabela 2: Sistematização referente à dinâmica demográfica, a partir de unidades construídas, em quatorze localidades no Baixo rio Branco, com atualização para o Complexo Ambiental Sacaí. Complexo Ambiental Sacaí. Município de Caracaraí. Estado de Roraima. Brasil 2015.

Localidade	Ano de contagem										
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2014
Terra Preta	42	42	42	42	42	42	42	42	40	33	-
São Jorge	5	5	5	5	5	5	5	3	3	3	-
Santa Maria do Boiaçu	98	100	102	109	115	119	121	120	120	120	-
Samaúma	21	21	21	21	21	21	21	21	9	7	-
Sacaí	40	42	42	45	45	50	54	56	58	58	62
Remanso	9	11	11	11	14	16	16	16	16	16	-
Panacarica	25	25	25	25	25	25	25	25	20	19	-
Lago Grande	15	15	15	15	15	15	16	16	15	16	-
Itaquera	28	28	28	28	27	27	25	25	25	25	-
Floresta	31	31	32	32	32	32	32	32	32	32	-
Dona Cota	9	9	9	6	6	6	6	6	6	6	-
Canauini	28	28	28	28	28	29	29	30	31	32	-
Caicubi	50	59	62	66	70	84	97	100	103	105	-
Cachoeirinha	127	54	60	63	65	69	72	84	86	98	-

Fonte: ITERAIMA (Plano de Controle Ambiental: Agrovila Sacaí, 2010), com atualização dos dados de campo para o Complexo Ambiental Sacaí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida nos agroecossistemas familiares no Complexo Ambiental Sacaí parece não existir diante da estrutura histórica formal, onde a invariavelmente tornam-se invisíveis perante a estruturas sociais negadas pelo interesse do capital. Porém, aquilo revelado historicamente partir de estruturas diversas, capazes de (re)construir-se desde o domínio do vivificado pelos sujeitos, desvela partes antes invisíveis, as quais são responsáveis por inserir novos caracteres em um sistema estruturado, na sua maior parte, imaterialmente. Tornar visível a vida, a partir de uma nova episteme para a ciência contemporânea, desde aproximação do real, perpassa por considerar o devido protagonismo histórico a estes sujeitos, capaz de revelar trajetórias de migração e estratégias de adaptabilidade para (re)programação da vida, diretamente relacionadas as possibilidades de (re)produção social dos agroecossistemas. Assim, Os agroecossistemas amazônicos são parte de uma estrutura complexa, a Amazônia, os quais compreendem diversos processos históricos entrelaçados ao viver. A estrutura histórica existente em cada ser é explicação de comportamento e percepção diante da organização, a qual é apresentada no ambiente como (re)constrói-se continuamente, como parte e todo.

REFERÊNCIAS

CORREIA-FILHO, V. Devassamento e Ocupação da Amazônia Brasileira. *Revista Brasileira de Geografia*, 2, p. 8:41, 1942.

FARAGE, N. As muralhas dos sertões: os povos indígenas no rio Branco e a colonização. São Paulo: ANPOCS, 1991.

IBGE. Atlas nacional do Brasil. 3. Rio de Janeiro, 2000.

ITERAIMA. Plano de Controle Ambiental: Agrovila Sacaí. Instituto de Terras e Colonização de Roraima. Boa Vista: Governo do Estado de Roraima, Boa Vista, 2010.

KÖCH-GRUNBERG. De Roraima ao Orinoco: observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913.

(Vol. 1). (UNESP, Ed.) São Paulo, 2006.

MADALENO, I. M. Desenvolver a Amazônia?
História de ocupação humana da Amamzônia
brasileira. Espaço & Geografia, 14(1), p. 331:360,
2011.

MORIN, E. O método I: a natureza da natureza.
Porto Alegre: Sulina, 2015.

PORRO, A. (2005). Povo das águas: ensaios de
etno-história amazônica. São Paulo: Edusp, 2013.

RICE, H. The rio Branco, Uraricoera and Parima.
Em T. R. Society (Ed.). The Geographical Journal,
1928.

ROOSEVELT, A. C. The Amazon and the
Anthropocene: 13,000 years of human influence
in a tropical rainforest. Anthropocene, 2013.

SILVEIRA, I. M., & GAMIL, M. Notas sobre a
ocupação de Roraima: mineração e colonização.
Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, 1(Série
Antropologia), 1988.

YIN R. K. Estudo de caso: planejamento e
métodos (5 ed.). (C. Damacena, Ed., & A. Thorell,
Trad.) Porto Alegre: Bookman, 2015.